

## Jacó

Meu nome é Jacó. Ao contrário do Felizberto e outros guris daqui da rua, eu não tinha pai. Sempre que volto meus olhos para o passado, que recuo meus pensamentos para tão longe quanto me conheço, tenho presente minha mãe, sozinha, com todos os seus muitos problemas: a roupagem, lavada à exaustão na ribeira do arroio, aguardando para ser engomada e passada, no pesado ferro a carvão; as trouxas de roupas na cabeça, levando-as para a casa de seus fregueses. Vejo minha mãe juntando os trocados, tão poucos, para necessidades plurais e um sonho singular. Eram premências, a conta no armazém do português da esquina, acumulada num caderno, que era paga aos sábados; o aluguel do casebre na Ilhota, dinheiro entregue a um truculento e abusado preposto do usurário desconhecido, dono dos imóveis decadentes. E o sonho: comprar, lá adiante, num novo bairro, uma casa para o nosso futuro – para isto, guardava como a um tesouro a caderneta vermelha da poupança, onde depositava, com fidelidade, e freqüência possível, o resto do resto. Minha mãe e seus constantes e repetidos agradecimentos a Deus por isto ou por aquilo, conseguido ou não, também vem-me à cabeça. Já com idade para fazer comparações, de quando em vez, via-me a contemplar mamãe, aparentando ser muito mais velha do que realmente era. Sem proferir nenhuma palavra de ressentimento com a vida, com seu destino.

Quando, entretanto, conseguia ir mais longe do que o limite de meu autoconhecimento, o que ocorria em sonhos, me deparava com brumas de onde emergiam um certo homem que me contava histórias. Colagens às narrativas das aulas de catecismo na igreja Sagrada Família e à indução, por minha mãe, à reza antes de eu dormir. Eram, sim, colagens sobre textos do Antigo Testamento. Falei, vez que outra, para mamãe, sobre o contador, mas ela preferiu mostrar-se sempre como uma ignorante lavadeira, incapaz de imiscuir-se em meu mundo onírico.

Então, uma revelação ocorreu em circunstâncias de todo inesperadas.

Comecei a atravessar um dos tabuões que ligavam a Ilhota ao continente – a Cidade Baixa. No continente, fui fazendo novos amigos, guris com os quais passei a descobrir um mundo diferente onde, embora mexessem comigo, depreciativamente, por ilhéu, eu me sentia bem. Era como se, mesmo em sua

pobreza, aparentassem ser muito mais bem-dotados do que eu era. Passei a freqüentar aquele fundão da Cidade Baixa, com seu córrego serpeante, onde aprendi a nadar, a pescar muçuns com os dedos, a desprezar os lambaris e cascudos, a caçar rãs e vendê-las, enlaçadas em pencas, na confeitaria Rocco. Onde escolhia galhos especiais dos chorões que se debruçavam lamuriantes sobre as curvas do riacho e com eles esculpia fundas de grande eficiência. O contato com o arroio, seu conteúdo e sua margem, levava ao convívio com um denso mato de eucaliptos, local dos tambos de leite e do casebre de um respeitado curandeiro. O Mato era palco de encontros de homens e mulheres cujos arroubos vieram a se constituir, a partir do voyeurismo da gurizada, em estímulo para nossa iniciação sexual. Também, nos seus extremos, quando as altas árvores cediam espaço para inúmeras pequenas chácaras, desfrutávamos de um éden, como nas histórias brumosas de meus sonhos: disponíveis, sem qualquer obstáculo, bananas, laranjas, vergamotas, goiabas, pitangas, amoras; pepinos, tomates e cenouras tenras, com gosto de terra; nos meses de verão, melancias e uvas. A bem da verdade, havia um chacareiro mal humorado, que se empenhava em nos surpreender, tentando atingir-nos com projéteis de torrões de sal, disparados por uma velha espingarda artesanal.

Então, fui parar, com o Geraldo, em sua casa, um prédio em madeira bem construído e conservado, localizada na Rua dos Chalés. A importância que os adultos dispensavam a meninos em nossa idade não diferia em muito daquela concedida a seus animais domésticos, como as galinhas. Ficaríamos, todo o sempre, a conversar e brincar, completamente ignorados por seu Firmino e dona Idalina, pais de Geraldo, e por um tio-velho, seu Vicentino.

Como as crianças, que, parece, ninguém as ouvem, o mesmo costuma acontecer com os velhos. Assim, tio Vicentino era um carente de platéias; ficava o dia todo em casa, desocupado. Firmino e Idalina tinham pouca paciência com o tio idoso, irmão do falecido pai dela.

Seu Vicentino, na segunda vez que fui lá, encontrou uma maneira de me atrair, querendo aparentar um improviso:

“Isaque”, me chamou forte e algo áspero.

Por não ter certeza se era comigo que falava, pois mesmo emitindo sua voz

em minha direção, afinal aquele não era meu nome; mas também para evitar o velho, fingi-me de surdo.

“Isaque, eu disse!”, enfatizou o tio-velho, voltado para mim, sem deixar qualquer dúvida de que estava falando comigo.

“Sim, seu Vicentino”, eu respondi, sem nada mais dizer, nem alterar a posição em que me encontrava, de pé, na lateral arenosa da casa, um corredor que se iniciando no portão de entrada, alcançava o fim do terreno, dando acesso a três portas de adentrar o chalé.

“Tu é o Isaque, filho de Judá?”

“Não senhor”, respondi, “sou filho de dona Genésia”.

“Tu tem certeza?”

Pensei comigo mesmo, como ele pode perguntar se tenho certeza?

“Claro que tenho certeza! Minha mãe é dona Genésia”.

“Mas eu não te perguntei quem é tua mãe. Perguntei se tu é filho de Judá?”

Fiquei profundamente embaraçado. Ouvi-o como se minha mãe estivesse me repreendendo por algo muito errado que fizera. A sensação desagradável que me causou a pergunta do velho tinha uma razão de ser. Por mais estranho que pudesse ser, nunca, até então, ninguém, na Ilhota, me havia perguntado quem era meu pai. Minha mãe sempre se comportara como se fosse a coisa mais natural do mundo ela comandar a casa e eu depender apenas de sua energia, de sua presença forte. Pego de surpresa, face ao inesperado, menino tornando-se moço, preferi enfrentar o velho e seu desafio, do jeito que me pareceu, no momento, adequado:

“Sou filho de dona Genésia”. Dei as costas e saí rapidamente da frente do velho, da casa de Geraldo e do extremo desconforto. Atravessei o taboão que me devolvia à Ilhota, firme na decisão de saber de minha mãe, afinal, quem era o meu pai. Mas o turbilhão de pensamentos desaguou na deliberação de deixar as coisas assim como estavam. Não magoaria mamãe – ah, sim, falar nisso a iria magoar. Embora os efeitos da adolescência já estivessem alterando minha personalidade, tornando-me mais e mais contestador, optei por poupar minha querida dona Genésia.

Uma semana passou-se sem que voltasse ao continente. Quando retornei, já nem pensava mais no tio-velho. Em verdade, nos ocupamos de andanças pelo mato

de eucaliptos e com disputas náuticas no rio, era verão, e com invasões às chácaras desprotegidas. A volta à casa de Geraldo ocorreu naturalmente, como decorrência de um regresso de vadiagem. Tínhamos de entregar à dona Idalina o generoso fruto de nossa pescaria: dois enormes dourados.

Feita a entrega, fui ficando por ali, entretido conversando com meu amigo, quando de forma mais amistosa que antes, tio Vicentino, aboletado em sua cadeira predileta – o que restava, despojo de uma mobília *chippendale* – me convidou para chegar perto dele. Fui para onde ele indicou; sugeriu que me sentasse. Era uma erupção espontânea de granito que havia no terreno, formando algo como um banquinho natural, bem ao lado de seu espaço.

E num tom conciliador e interrogativo, como se sua convicção de antes houvesse sofrido algum abalo, perguntou:

“Isaque é o teu nome, não é?”

“Não, não é. Me chamo Jacó”.

“E tua mãe, tua mãe não é aquela que...”

Algo então aconteceu com o velho. Ele parou no meio da pergunta, e gesticulou como o homem que de súbito se sentiu cego e por isso ficou completamente desorientado. E desorientado Vicentino ficou. Ato contínuo, também qualquer coisa incomum aconteceu comigo. Lá do fundo de meu ser, forte e incontrolável, começou a despontar o desejo de ter conhecimento do que sabia o velho.

“Tio” – surpreendi-me dizendo –, “tem noites, são tantas e há muitos anos, vejo o vulto de um homem. Veste-se de preto e usa um chapéu também escuro de aba firme; branca é a camisa que veste, sem gravata, fechada no pescoço quase como a de um padre. Seu rosto, nunca consegui vê-lo em detalhe – sei ao certo que contrasta com o meu, como o dia se opõe à noite. Ele chega em frente à casa, desce de um cabriolé com toldo e fechado nas laterais, deixando encilhado e ruminando, com um balde de milho enfiado na fuça, o seu cavalo baixo. Então ele adentra a casa, fica conversando com minha mãe – fala de uma terra de sofrimento; de fazer tijolos sem palha; de contestação com pragas e partida em busca da terra prometida. Minha mãe conta histórias de padecimento, de travessia em mares revoltos e desconhecidos, sem qualquer promessa de terra abençoada; de famílias

destruídas e de almas para sempre perdidas; de múltiplas divindades. A mais comprida das histórias que ele contava era a da criação do mundo, que nunca a ouvia até o fim, eu dormia”.

“Houve um homem” – serenamente iniciou o tio-velho, como que se valendo de uma deixa teatral – “cuja morte nunca ficou bem explicada. Faz isto uns quinze anos ou pouco mais. Foi encontrado morto, todo ensangüentado, o corpo caído ao lado de sua charrete. Era um vendedor de miudezas, andava de porta em porta. Por isso, uns disseram que o mataram para roubar”. Fez uma pausa para externar ainda mais incredulidade e, apostou: “Bobagem!, nunca ocorrera coisa assim. E ele foi morto muito longe daqui, no caminho do campo da Redenção”. Continuou falando, seu Vicentino: “Muito religioso, diziam as pessoas, resolveu ensinar histórias da Bíblia para a gurizada pobre da Ilhota e da Rua dos Chalés. Nos meses de verão, reunia um grupo de crianças e sob a sombra dos eucaliptos, nas manhãs de sábado, falava de Moisés e de sua disputa, em nome de seu Deus, com o faraó do Egito; de Noé e a arca cheia de casais de bichos; da criação do mundo e de complicadas famílias de Israel”.

A seguir, tio Vicentino escapou do perfil que traçava do homem amante do Livro Sagrado, para indicar um personagem comum que se apaixonou por uma linda filha de mãe negra e pai branco. Deteve-se em detalhes que o pintavam, sem dúvida, como um liberal, um homem muito adiante de seu tempo.

Compreendi minha origem e a solidão de minha mãe. Indaguei por que o tio-velho insistira em me chamar de Isaque, se ele sabia tudo a respeito de meu pai, de minha mãe e, assim, saberia muito bem o nome do filho de Judá. Explicou-me, aí, que a comoção com o assassinato do jovem judeu fora tão grande que a comunidade, aparentava, fez um pacto de silêncio; a história corria, à boca pequena, dentre a gente da Ilhota, da Rua dos Chalés e do Mato. Contou-me, enfim, que pedaços de tijolos, tocos de árvores, paralelepípedos, rústicos bancos de madeira – improvisados assentos das arranjadas aulas do sabá – haviam sido sistematicamente arrancados por minha mãe, que transformou aquele recanto do Mato num reduto iorubano.

“Ah, Isaque...” pigarreou o tio Vicentino, “...quero dizer, Jacó”, e segredou: “São coisas de velho, viu menino!, na casa de Eustáquia, grande mãe-de-santo, e

que Deus a tenha!, rolava pelo chão um netinho dela – sarará de olhos azuis, aquosos – que atendia pelo nome de Isaque. Uma história semelhante à tua, mas sem religião, sem tragédia e sem morte”.

**9 de abril de 2002**